

**FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS - FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS - FIFE**

AMANDA BRAIDA PAULIQUI

**ASSÉDIO E DESIGUALDADE DE GÊNERO NO JORNALISMO:
ESTUDO DE CASO DO MOVIMENTO # DEIXA ELA TRABALHAR**

**FERNANDÓPOLIS
2021**

AMANDA BRAIDA PAULIQUI

**ASSÉDIO E DESIGUALDADE DE GÊNERO NO JORNALISMO:
ESTUDO DE CASO DO MOVIMENTO # DEIXA ELA TRABALHAR**

Monografia apresentada à disciplina Projeto Experimental II da Fundação Educacional de Fernandópolis como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo dos Santos Matos

**FERNANDÓPOLIS
2021**

FOLHA DE APROVAÇÃO

AMANDA BRAIDA PAULIQUI

ASSÉDIO E DESIGUALDADE DE GÊNERO NO JORNALISMO: ESTUDO DE CASO DO MOVIMENTO # DEIXA ELA TRABALHAR

Monografia apresentada à disciplina Projeto Experimental II da Fundação Educacional de Fernandópolis como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo.

Aprovado em ____/____/____

Examinadores:

Prof(a) Andresa Caroline Lopes de Oliveira
Fundação Educacional de Fernandópolis

Prof(a) Fabiola Regina Falcolski
Fundação Educacional de Fernandópolis

Dedico este trabalho aos meus pais, meus avós e para toda a minha família. Em especial ao meu avô Luiz Braidá Filho que me proporcionou a experiência de fazer este curso.

Agradeço aos professores que contribuíram para me tornar uma profissional da informação. Um agradecimento especial ao meu professor e orientador Marcelo, pelo tempo e paciência dedicados até o presente momento. Agradeço também aos meus colegas de classe por toda informação compartilhada ao longo desses quatro anos de curso.

Agora chegou a vez, vou cantar

Mulher brasileira em primeiro lugar.

(Benito di Paula)

RESUMO

Esta pesquisa é sobre o levantamento do olhar da sociedade brasileira contemporânea sobre a mulher. Para dar luz a esse ponto de vista faremos um estudo de caso do movimento “#deixaelatrabalhar”. Assim, conseguimos recortar esse olhar dentro dos filtros de gênero e assédio particularmente no caso durante as ações profissionais de jornalistas do sexo feminino. A mulher, e sua nova posição social, serão levadas em conta nas análises das ações de intervenção no trabalho da jornalista mulher que prejudica sua atuação. Três eixos serão levados em conta: as mídias sociais, seu engajamento e os noticiários sobre o assunto. Uma das hipóteses é que cada vez mais o rastro machista da sociedade se resgata apesar dos discursos liberais do século XXI. O objetivo geral é mostrar o quanto o machismo enraizado na população afeta de diversas formas a vida e o convívio no ambiente de trabalho. Trazendo uma desigualdade de gênero desnecessária, preocupante e assustadora, que afeta a vida pessoal e profissional de mulher no geral e também das jornalistas, que tem seus direitos e vontades violados por pessoas do sexo oposto. Serão utilizados no referencial teórico da pesquisa o estudo de Stuart Hall sobre o papel do feminismo na descentralização do sujeito no mundo hodierno e a difusa evolução histórica sob o ponto de vista de Michel Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Chauvinismo. Jornalismo. Deixaelatrabalhar. Assédio.

ABSTRACT

This research is about surveying the view of contemporary Brazilian society on women. To shed light on this point of view, we will do a case study of the “#deixaelatrabalhar” movement. Thus, we managed to cut this look within the filters of gender and harassment, particularly in the case during the professional actions of female journalists. Women, and their new social position, will be taken into account in the analysis of intervention actions in the work of women journalists that affect their performance. Three axes will be taken into account: social media, their engagement and news about the subject. One of the hypotheses is that society's sexist traces are increasingly being rescued despite the liberalist discourses of the 21st century. The general objective is to show how much machismo rooted in the population affects life and interaction in the work environment in different ways. Bringing an unnecessary, worrying and frightening gender inequality that affects the personal and professional life of women in general and also of journalists, whose rights and wishes are violated by people of the opposite sex. Stuart Hall's study on the role of feminism in the decentralization of the subject in the modern world and the diffuse historical evolution from the point of view of Michel Foucault will be used in the theoretical framework of the research.

KEYWORDS: Feminism. Chauvinism. Journalism. Deixaelatrabalhar. Harassment. .

Sumário

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I: CONCEITUAÇÕES, HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO FEMINISMO	
1. HISTÓRIA HUMANA PATRIARCAL	10
1.10 FEMINISMO COMO DESCENTRALIZAÇÃO DO SUJEITO PÓS-MODERNO.....	
1.2 FEMINISMO: O QUE É E QUANDO SURTIU	00
1.3 O SURGIMENTO DO FEMINISMO NO BRASIL.....	00
CAPÍTULO 2: A INSERÇÃO E A POSIÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO, MOVIMENTO #DEIXA ELA TRABALHAR	
2.1 A INSERÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO.....	00
2.2 A POSIÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO.....	00
2.3 MOVIMENTO #DEIXA ELA TRABALHAR.....	00
CAPÍTULO 3: POR UM JORNALISMO SEM DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO	
3.1 AÇÕES DE ENGAJAMENTO.....	00
3.2 ANÁLISE NOTICIÁRIOS.....	00
3.3 ANÁLISE POSTAGENS REDES SOCIAIS	00
CONSIDERAÇÕES FINAIS	00
REFERÊNCIAS	00

INTRODUÇÃO

A profissão de jornalista nunca foi fácil. A notícia não tem hora nem duração para acontecer, e lá onde ela estiver, estará o jornalista para buscar informar a sociedade a partir da melhor apuração possível, porém as dificuldades são ainda maiores para as jornalistas. Na sociedade em que vivemos ainda podemos flagrar atitudes machistas perante a mulher que atua nessa área.

Esta monografia vai se embasar no estudo de Stuart Hall sobre o feminismo como fenômeno de descentralização do sujeito, isso porque em toda sua história a raça humana reservou para a mulher o papel de dona de casa, da prole e do homem. A partir do final do século XX, com a emancipação feminina e seus novos papéis sociais, as organizações sociais se transformam a partir deste novo contexto.

Outro autor que vamos usar no trabalho é Michel Foucault e seu olhar sobre a evolução descontínua da história. Para Foucault estamos num momento de valores que podem se aprimorar como também se extinguir, logo, não há uma evolução contínua, nem para o melhor nem para o pior, na história da humanidade. Mas somente momentos, e um deles fará parte de sua realidade.

No primeiro capítulo iremos traçar estes embasamentos teóricos do pensamento dos Estudos Culturais e da Microfísica do Poder perante o tema das questões de gênero na sociedade brasileira contemporânea, com o recorte da ação de jornalistas mulheres e as intervenções que ocorreram em sua ação profissional.

O segundo capítulo será um histórico do movimento #deixaelatrabalhar que mostra a atuação, via redes sociais, de organizações do 3º setor e suas ações para estabelecer a reflexão, divulgada, do assunto sobre o assédio neste meio profissional.

Por fim, faremos a análise de noticiários e de postagens nas redes sociais explicitando o problema e quais providências foram tomadas. Desta forma mostraremos que o problema existe e ainda não tem a devida atenção para sua solução.

CAPÍTULO I: CONCEITUAÇÕES, HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO FEMINISMO

1. HISTÓRIA HUMANA PATRIARCAL

O planeta em que vivemos é finito, como a nossa vida também. Porém, a experiência da raça humana no planeta, mesmo sendo ínfima em relação a idade deste, faz com que tenhamos uma história de três milênios que começa a mudar radicalmente nos dias hodiernos. Essa mudança é o papel que a mulher começa a ocupar na sociedade influenciando todas as mediações e organizações sociais como nunca vimos antes. Neste pequeno recorte histórico do nosso planeta, que é a existência da raça humana, faremos uma análise da importância dessa mudança.

No mundo animal, a lei da selva premia os mais fortes. Assim foi o início de nossa história da humanidade. Vivendo em bandos sobrevivemos às intempéries da pré-história. Os nossos antepassados que antecederam a escrita se organizavam em grupos de caça, estes homens, e manutenção da caverna, estas mulheres. O que espanta é que milhares de anos depois a organização social se manteve a mesma até há algumas décadas atrás que essa história começou a mudar.

O patriarcado basicamente sustenta a dominação masculina, se baseando por exemplo, em religiões. Onde de fato, naturalizam e nos ensinam que as mulheres são inferiores. Foi por conta do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deveria ser feito por mulheres. Tecnicamente falar sobre o patriarcado é desnaturalizar a existência feminina. Foi por conta disso que Gerda Lerner escreveu sobre este tema. Ela entendeu que: traçar as origens do patriarcado equivaleria a descobrir a fundo os fatos históricos que levaram as mulheres a esse quadro de submissão e opressão que perdura por décadas.

As mulheres por muito tempo participaram desse processo de subordinação porque internalizam a ideia de ser inferior. O que nos faz lembrar de Simone de Beauvoir “o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos”.

Para entender melhor, voltaremos um pouco a época do Brasil Colônia (1500-1822), a escravidão ainda acontecia, e mulheres brancas eram tratadas

diferentes das mulheres negras. Entretanto, ambas eram submetidas à dominação do homem... Mulheres brancas eram predestinadas ao trabalho doméstico e as mulheres negras serviam para mão de obra escrava, não só dentro de casa, mas também nos campos e lavouras.

Somente após a Revolução Industrial (1760), quando começou o processo de industrialização é que as mulheres passaram a ingressar no mercado de trabalho e a ocupar espaços que até então não tinham ocupado ainda.

Mas foi somente em 1932, quando Getúlio Vargas subiu ao poder, que as mulheres realmente conseguiram ser reconhecidas, é onde foi promulgado o Código Eleitoral (Decreto nº21.076/1932) que consagrou o direito ao voto e à participação política. Logo após, em 1933, Carlota Pereira Queirós, se tornou a primeira mulher eleita deputada no Brasil. Com isso, a Constituição de 1934, garantiu para as mulheres, a proibição de trabalho em locais insalubres e a permissão de descanso pós-parto.

Entretanto, as Constituições posteriores não apresentaram avanços significativos e apesar do reconhecimento de sua existência, as mulheres continuaram sem a efetivação de diversos direitos considerados fundamentais.

1.1 O FEMINISMO COMO DESCENTRALIZAÇÃO DO SUJEITO PÓS-MODERNO

Uma das grandes revoluções sociais, de acordo com os Estudos Culturais Ingleses, principalmente após Stuart Hall assumir a coordenação do grupo no final da década de 70, foi o feminismo. Não como um movimento de extremistas buscando direitos iguais de gêneros a curto prazo simplesmente, mas sim, uma reação social perante uma história da humanidade contada, emancipada e sob o ponto de vista masculino.

De acordo com Hall o sujeito contemporâneo, pós-moderno, está cada vez mais embasado em linguagens fragmentadas, sem instituições sociais sólidas e com uma crise de identidade que atormenta milênios de certezas intocáveis. A partir de agora todos paradigmas perdem sua característica axiomática. Tudo é questionável. É possível entender que a identidade não é algo inato ao homem, ela se forma ao longo do tempo por processos do inconsciente de cada indivíduo.

De acordo com Stuart Hall, o feminismo teve uma relação mais direta com o descentramento do sujeito cartesiano e sociológico. O movimento feminista se expandiu na época para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero. Questionando o fato de que homens e mulheres eram parte da mesma identidade, tentando deixar de lado a questão da diferença sexual.

1.2 FEMINISMO: O QUE É E QUANDO SURTIU

Por uma definição mais concreta, de acordo com o Minidicionário Aurélio Século XXI Escolar (2001, p. 317), o feminismo se caracteriza como: “movimento favorável à equiparação dos direitos civis e políticos da mulher aos dos homens”, ou seja, no entendimento desta autora, por mais que passados 20 anos deste conceito, esta definição se vê mais que correta, em um contexto histórico onde o gênero feminino buscou por tantas vezes a luta por igualdade e foi sentenciada com pena de silêncio, somente por desejar direitos iguais, não superiores, se ressalta, iguais. Como complemento pode-se agregar que o feminismo é um movimento surgido a partir do século XIX que, após inúmeras lutas incessantes pela igualdade, pode alcançar um lugar de reconhecimento social, político e filosófico.

Até meados do século XIX, as mulheres eram reconhecidas como sendo o “sexo frágil”, se mantendo sempre em posição inferior em relação ao sexo oposto. Não obtinham os mesmos privilégios e nem acesso a direitos hoje garantidos a todos os cidadãos - ler, escrever, obter participação política -. A figura feminina era predestinada a trabalhos domésticos, como o cuidado da casa, dos filhos e do marido, deveres impostos pela sociedade patriarcal que as controlava de forma incessante. Para Molyneux (2003) as mulheres aceitaram o princípio da diferença sexual, porém o refutaram como fundamento para a discriminação injustificada, dessa forma, as líderes dos movimentos criticaram seu tratamento diante da lei criticando o porquê da exclusão social e política, no entanto, fizeram esses questionamentos de uma forma tênue, que não desse a entender que seu papel familiar seria deixado de lado, esse foi um argumento utilizado tanto pelas feministas, quanto pelos estados, ainda que com fins distintos.

A francesa Simone Beauvoir foi uma importante representante para o feminismo no final da década de 60 e 70, sendo considerada uma das maiores teóricas do feminismo moderno. Depois de seu livro “O Segundo Sexo” (1949), ficou

conhecida pela frase, que se faz total verdadeira; “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”; ela usa essa frase para contrariar as visões daquela época, onde acreditavam que as limitações das mulheres, eram resultado da sua natureza. Com o tempo o movimento trouxe para as mulheres, grandes marcos e grandes vitórias, como por exemplo a Lei Maria da Penha que atualmente está sendo cada vez mais reconhecida e utilizada. Agora, no século XXI, mesmo com o grande aumento dos veículos de comunicação, e a expansão das informações para quase todo mundo, o cenário ainda é complicado. A mulher ainda é vista como submissa e o seu corpo como objeto.

1.3 O APARECIMENTO DO FEMINISMO NO BRASIL

Durante vários séculos, as mulheres se sujeitaram ao dever de permanecer dentro lar e manter em ordem o ambiente doméstico e familiar, sendo submetidas a uma vida de reclusão social e dependência financeira masculina no que se refere as figuras do pai e do marido. A sair em público as mesmas deveriam estar acompanhadas de um indivíduo do sexo masculino, o que claramente explicitava a soberania que o homem impunha sobre a mulher, fazendo com que estas tivessem de pedir permissão e se rebaixar a um patamar inferior para que pudessem realizar uma tarefa tão simples como ir à igreja.

Após viver décadas nesse papel de reclusão, as primeiras modificações começaram a aparecer por volta do século XIX, onde o governo imperial deu as mulheres a chance de uma educação digna e equitativa aos homens, porém, nem todas as classes foram favorecidas, obviamente só as figuras femininas das classes mais elevadas conseguiram obter essa conquista. Ainda que pouco, esse projeto de inclusão favoreceu a criação dos primeiros núcleos de defesa dos ideais feministas que chegaram junto as ideias socialistas e anarquistas trazidas da Europa pelos Imigrantes, dessa forma, movimentos pela luta de um salário igualitário e melhores condições de trabalho se tornaram cada vez mais comuns.

No início do século XX o feminismo ganhou mais que uma vertente, em que poderia ser seguida uma tendência mais conservadora, esta chamada de “feminismo bem-comportado” até uma inclinação mais arguciosa. As manifestações feministas variavam de acordo com o cenário político da época, se pode citar como exemplo o ano de 1932 com o código Eleitoral, quando no governo de Getúlio Vargas o voto

feminino fora reconhecido, sendo obrigatório e secreto, além de serem abolidas as restrições de gênero; o Brasil foi o primeiro país da América Latina a conceder o sufrágio para as mulheres.

Na década de 70, as mulheres feministas se aliaram aos movimentos sociais de luta e resistência contra a Ditadura Militar, fazendo com que estas se aproximassem cada vez mais dos ideais de esquerda e unissem forças aos movimentos sociais dos negros e homossexuais, conquistando dessa forma um processo de redemocratização que as garantiu um espaço na TV para debates que envolvessem assuntos como a violência contra o gênero feminino e a própria sexualidade. Com a inserção de partidos em sua maior parte compostos por homens, as mulheres foram perdendo espaço no eleitorado, porém ainda permanecem em uma luta para que possam alcançar a maioria, visto que, atualmente, o movimento feminista no Brasil vem ganhando cada vez mais força, se concentrando em questões importantes tais como, a cultura do estupro, a desigualdade salarial, o assédio enfrentado diariamente em espaços públicos e privados e a violência doméstica. Uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo, em 2010, indica que de 2001 a 2010 aumentou o contingente de brasileiras que se considera feminista de 21% para 31% e que são as mulheres jovens as que mais se declaram ser feministas: 40% das jovens entre 15 e 17 anos, seguidas de 37 % das jovens entre 25 e 34 anos e, por último, 23% das mulheres maiores 60 anos. Portanto, a participação de jovens, tanto dos estratos médios quanto dos populares, com formação acadêmica ou não, da mulher negra, da periferia e do campo vem revitalizando e ampliando as práticas feministas. Nesse processo, é inegável o papel exercido pelas tecnologias de informação e comunicação, constituindo um espaço de atuação política que produz inúmeros desafios para a ação coletiva (BIANCHI; WOITOWICZ; ROCHA, p. 23, 2018).

CAPÍTULO 2: A INSERÇÃO E A POSIÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO, MOVIMENTO #DEIXAELATRABALHAR

2.1 A INSERÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO

Acesso à leitura, à escrita e ao jornalismo. Estas foram etapas trilhadas pelas mulheres – não sem esforços e embates – para garantir o direito à expressão e o

ingresso no espaço público. Um caminho que mostra a ousadia e a resistência das mulheres no processo de inserção, gradual, na profissão. O marco inicial que indica o surgimento da imprensa feita por mulheres acontece ainda no século XIX, com a publicação de jornais que discutiam principalmente a participação política das mulheres, o direito à educação e as mudanças de costumes. Estas experiências acompanharam as lutas das mulheres por direitos e lançaram as bases do que seria, décadas mais tarde, uma imprensa assumidamente feminista.

No Brasil, as atividades de mulheres em jornais também foram expressivas, ainda no século XIX (DUARTE, 2016). No mesmo momento em que surgiam publicações voltadas ao público feminino, que se ocupavam de assuntos como moda, culinária e cuidados domésticos, também eram criados espaços que problematizavam a ‘condição da mulher’. Segundo Céli Pinto, este tipo de manifestação das mulheres através da mídia aponta para a “existência de um incipiente movimento de construção de espaços públicos na sociedade brasileira e, no caso, por parte de pessoas que estavam completamente excluídas do campo da política e das atividades públicas” (2003, p. 33). Zahidé Lupinacci Muzart (2003), em artigo sobre as mulheres escritoras no século XIX, observa que além da presença da literatura feminina nos periódicos da época, as mulheres publicaram também diversos livros, embora muitos tenham sido esquecidos. De acordo com a autora, uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos: “em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto” (MUZART, 2003, p. 226). A partir deste momento inaugural, que contou com a participação de personagens femininas que atuavam praticamente sozinhas por meio dos jornais, surgiram outras publicações (jornais, panfletos, cartazes, revistas, etc.) que atuaram como instrumentos para o fortalecimento das lutas das mulheres. Ao longo do século XX, além da gradativa incorporação das mulheres aos veículos de comunicação, registram-se experiências que podem ser entendidas como alternativas, pelo seu viés de contestação, que caracterizam a imprensa feminista. A conquista do voto feminino e a Legislação Trabalhista de proteção ao trabalho feminino, nos anos 1930, são importantes referências na trajetória das lutas das mulheres, em que se verificou a atuação da imprensa na difusão de direitos. No contexto dos anos 1960, a coluna de Carmen da Silva, na revista *Cláudia*, traduzia as mudanças de

comportamento e anunciava a emergência de conquistas e rupturas na vida das mulheres, preconizando as bandeiras do movimento feminista (DUARTE, 2005).

Narcisa Amália, foi esta a primeira jornalista profissional brasileira, antes já ocupando o cargo de poeta. Fez publicações importantes em um Jornal da época conhecido como “Gazetinha”, dissipando ideias republicanos, democratas, feministas e abolicionistas, temas bastantes vetados para o século XIX no Rio de Janeiro, ainda mais para uma mulher discutir. Ao ser reconhecida por seu trabalho impecável, o imperador Dom Pedro II quis conhece-la pessoalmente e o aclamado e reverenciado autor, até os dias atuais, Machado de Assis, lhe fez uma dedicatória afirmando que havia lido um livro escrito por uma mulher, um ato naquele tempo visto como uma grande conquista. Em um artigo da Folha de São Paulo no ano de 2020, a escritora Maria de Lurdes Teixeira dedicou uma publicação exclusivamente a primeira jornalista brasileira, onde consta:

Comemora-se no dia 5 de abril o centenário de nascimento de uma escritora brasileira que deveria ser mais frequentemente lembrada —a poetisa e jornalista fluminense Narcisa Amália. Ao enunciar este nome duma sonoridade sugestiva, imediatamente, surge em nossa lembrança, em plena juventude, o seu belo rosto, conforme mostra o único retrato que dela conhecemos, lembrando um pouco aquelas estranhas admiráveis [Charlotte, Emily e Anne] Brontë, suas irmãs mais felizes: o corpete justo cingindo o busto delicado, o veludinho segurando um medalhão rente ao decote, a farta cabeleira escura, ondulada e brilhante levantada na testa, despenhando-se pelos ombros e servindo de moldura ao rosto oval iluminado por esplêndidos olhos negros (...) Bonita, inteligente, precoce, vivaz, aos 14 anos incompletos inicia-se o romance verídico dessa grande romântica. Apaixonando-se loucamente por um ator de companhia teatral ambulante —João Batista da Silveira— com ele se casa Narcisa Amália, para dentro em pouco ver-se sozinha, já que o artista prosseguia as suas vagabundagens através do Brasil, como galã do chamado “mambembe” de que fazia parte, enquanto a recém-casada continuava no lar paterno. Quatro ou cinco anos depois se separaram definitivamente, sem que se apagasse contudo na alma da moça a saudade do boêmio e errante esposo.

Abandonada pelo marido e tendo que prover a sua subsistência, começou então a desenvolver-se mais intensamente a atividade intelectual de Narcisa Amália, que dentro em pouco faria jus ao título de primeira jornalista profissional do Brasil. Pois na *Gazetinha*, de Resende, passou a acumular funções de redatora, tradutora do folhetim e revisora, colaborando também com assiduidade em jornais do Rio e de São Paulo. Assim, não apenas os seus versos se foram tornando familiares a um grande público. Seu nome começou também a aparecer subscrevendo artigos de cunho político e social, combatendo na vanguarda das ideias do seu tempo, lutando principalmente por uma situação melhor para a mulher e, em pleno regime monárquico, alçando-se até os ideais republicanos.

Em 1872 viajou para a Corte, a fim de tratar da publicação da sua coletânea de versos —as “Nebulosas” —que foi editada nesse mesmo ano pelo livreiro Garnier, granjeando para a escritora uma notoriedade ainda maior. Para a época e tendo em vista a estreiteza do ambiente literário, verificamos que o livro realmente teve grande repercussão. A imprensa do

Rio e de São Paulo se referiu ao seu nome com abundantes adjetivos laudatórios: a excelsa poetisa, a laureada poetisa, a grande escritora, a ilustre jornalista, eram expressões frequentes a seu respeito até mesmo em publicações de Portugal. No prefácio que Pessanha Pova escreve para as "Nebulosas" encontramos algumas frases que atestam a importância atingida por Narcisa Amália em seu tempo: "... a primeira brasileira de nossos dias, a mais ilustrada, a primeira poetisa desta nação."

Mas, afinal de contas, que espécie de poesia escrevia a moça de Resende, para despertar esse movimento da crítica, geralmente tão parca em palavras ao tratar de livros femininos?

Para o nosso senso crítico atual, é claro que os versos de Narcisa Amália perderam o interesse, como acontece, aliás, com Casimiro [de Abreu], Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e outros representantes tardios do romantismo brasileiro, desde que ela foi bem uma romântica, embora escrevendo já em plena reação contra essa escola, ao tempo em que os epígonos do parnasianismo começavam a dar um trato mais cuidado aos temas poéticos e a dominar a exaltação das imagens byrônicas e condoreiras. Todavia, o que hoje importa, não é estudá-la à luz do gosto evoluído e exigente de nossos dias, que repudia as estéticas ultrapassadas e que já então, ao tempo das "Nebulosas", iam despertando alguns protestos veementes, como é o caso de Sílvio Romero em nos seus "Estudos de Literatura Contemporânea" e num ensaio intitulado "Uns versos de Moça", em que se rebela contra o excesso de tristeza e de suspiros em nossa literatura.

O que cumpre notar é a nota profundamente lírica e panteísta dos versos de Narcisa Amália, a sensibilidade que supre as imperfeições de sua musa espontânea e ardente. Ezequiel Freire, seu entusiasta admirador, entre outros conceitos sobre a autora de "Nebulosas", escreveu esta frase que bem resume um juízo crítico: "Narcisa Amália era uma natureza artística admiravelmente equilibrada, em todas as suas faculdades.". Enfim, seja nos versos líricos, seja nos poemas panteístas e descritivos, seja naqueles de intenção social e política, se notamos um excesso de imagens redundantes nem sempre originais, além de muitas imperfeições de forma, o que não podemos deixar de reconhecer sem grave injustiça é que neles não mínguam também as belas imagens, os ritmos musicais, enfim todas as qualidades que definem, indicam e atestam a existência de verdadeiros dons poéticos, como era o caso dos três românticos citados —Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire, de que Narcisa Amália é bem uma irmã. (TEIXEIRA, 2020)

Com isso conclui-se que Narcisa foi um ícone para a cultura feminista, ao demonstra que em um século tão atrasado tantos feitos puderam ter sido realizados,

2.2 A POSIÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO

De acordo com Silva, Fontes e Marques (2021, p. 4), os indivíduos que possuem o jornalismo como profissão tendem a receber ataques de ódio, porém, quando a investida se concentra em mulheres, o ódio toma forma diferente e se manifesta na forma de assédio, seja físico o verbal, sendo o que separa o jornalismo em gêneros. Este ato provindo em sua grande maioria de homens – sendo entrevistados por profissionais do sexo oposto – confere uma deterioração da saúde

mental e da autoestima feminina. Perante a essa atitude grotesca que perfunde no decorrer de uma entrevista, o movimento feminista, por mais evidente que seja, passa a ser visto como uma luta sem ganhos, pois, frente a dor da derrota de ser assediada em um meio de comunicação público, a mulher se vê constrangida a ponto de não conseguir desenvolver seu trabalho com exatidão.

Em um estudo devolvido pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRJI), onde este consiste na entrevista de 31 semiestruturadas jornalista, que sofreram algum tipo de violência entre os anos de 2019 e 2020, foi possível concluir que na maior parte das vezes em que ocorre uma situação de assédio/agressão, os autores do caso saem impunes visto que, essas não são devidamente documentadas (SILVA, FONTES, MARQUES, 2021). Seja por motivos políticos ou sociais, há sempre uma discordância de algum lado, o que de fato é necessário, porém, nesta monografia o enfoque é o jornalismo feminino no esporte, como por exemplo, no futebol que em sua maior parte é liderado por homens desde o início do século XX e que atualmente, os mesmos permanecem possuidores do entretenimento, ou seja, para que uma jornalista adentre esse universo tão viril, deve essa estar preparada psicologicamente para atitudes vexaminosas que irá enfrentar em entrevistas com torcedores e profissionais da área já que de certa forma, muitos desses indivíduos farão com que a mesma não se sinta no seu lugar de fala.

Como dito anteriormente, por ter sido sujeitada durante muitos anos como doméstica do lar, a mulher ainda é vista por alguns indivíduos como inferior ao homem, exercendo papel apenas de mãe, esposa e objeto sexual com intuito de reprodução ou prazer, dessa forma, ao conquistar seu lugar no mercado de trabalho após tantas lutas por igualdade, essa ainda é submetida a situações constrangedoras e muitas vezes desconfortáveis, sendo quase impossível dar continuidade ao trabalho iniciado. A visibilidade do sujeito “mulher” é acionada através de uma “identidade de grupo” sem, no entanto, agregar todas as diferenças no interior desse significante. Há uma busca por igualdade do grupo e dos indivíduos baseada na diferença que exclui. E essa identidade unifica-se em torno de um termo: “a mulher” (ADRIÃO; TONELI; MALUF, p. 666, 2011).

2.3 MOVIMENTO #DEIXAELATRABALHAR

A ascensão das novas tecnologias e a massificação do uso das mídias sociais possibilitaram mobilizações sociais por diferentes tipos de causas. Segundo Castells:

A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança. (CASTELLS, 2013, p. 9).

Nesse cenário, os movimentos feministas encontram nas redes sociais um espaço de fala e de lutas para causas como assédio e discriminação de gênero, como é o caso do #DeixaElaTrabalhar.

Conforme o que foi explicitado no que se refere aos esportes no item 2.2, no dia 14 de março de 2018 ocorreu um episódio que por mais doloroso que tenha sido, tornou a luta feminista mais forte. Durante uma partida de futebol entre Vasco e Universidad de Chile, a repórter Bruna Dealtry que prestava uma cobertura para o canal Esporte Interativo foi assediada fisicamente quando inesperadamente um torcedor se aproximou da profissional e a beijou à força. Em um episódio anterior, mais especificamente no dia 11 de março do mesmo ano, a repórter Renata Medeiros também foi vítima de agressão, esta por sua vez inicialmente verbal e em seguida física também provinda de um torcedor. O ato rendeu um hematoma no braço da profissional e um boletim de ocorrência da jornalista para o agressor. Esses dois casos foram responsáveis por originar o movimento #deixaelatrabalhar.

A campanha, lançada por 50 jornalistas mulheres de todo país, tem como objetivo dar voz a todas as profissionais que sofrem com o assédio e o desrespeito na área esportiva, além de exigir que o agressor arque com seus atos perante a Lei nº 10.224, de 15 de maio de 2001, referente ao Assédio sexual, sendo este caracterizado como:

Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função.

O movimento conquistou grande repercussão nas redes sociais, após a publicação de um vídeo no aplicativo Twitter, divulgado pelo usuário “@deixaetrabalhar”. Mesmo com a campanha ganhando forças ainda foram registrados inúmeros casos de assédio com jornalistas que cobriam jogos esportivos, porém, esses episódios foram divulgados na conta citada acima com o intuito de prestar forças e apoio as mulheres que foram vítimas desse ato grotesco.

O movimento abordava várias postagens de denúncias sobre os atos de assédio e desigualdade de gênero. Ele não era limitado apenas a ajudar jornalistas, ele abrangia todo o gênero feminino para dar voz a todas as mulheres e encoraja-las a relatarem e denunciarem os abusos que eram submetidas.

O movimento foi perdendo força e sendo deixado de lado no mês de junho de 2018, quando as páginas da campanha deixaram de ser alimentadas com publicações. A última publicação do mês de junho foi no dia 30, a página só voltou a ter publicação no dia 6 de agosto daquele ano, onde mais uma vez foi esquecida. Outra publicação foi somente no dia 19 de novembro de 2018, onde foi publicado uma nota de esclarecimento abordando o caso de Fabiola Andrade, que não possui muitos detalhes do que foi acontecido ou de qual foi o erro que o movimento tenha cometido. No dia 20 de novembro foi feita uma publicação como pedido de desculpas, alegando que o movimento tinha se precipitado ao ver o primeiro vídeo da colega de profissão Fabiola Andrade, no jogo Corinthians X Vasco no dia 17 de novembro. O movimento não especifica qual atitude precipitada foi tomada e não há publicações que expõem esse erro. O movimento ficou adormecido por meses e sua última publicação após o pedido de desculpas foi no dia 15 de fevereiro de 2019, abordando o caso da repórter Karine Alves, que fazia uma entrada ao vivo no Maracanã, quando um torcedor tentou beijá-la. O movimento fez uma nota falando que repudiava o acontecimento.

Após esses episódios, o movimento iniciou algumas ações de mobilização nas redes sociais, que são os objetos de análise desta monografia.

CAPÍTULO III: O JORNALISMO SEM DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO

3.1 MOBILIZAÇÕES SOCIAIS

Em uma entrevista para o site do Governo Federal, Catarina de Angola, jornalista, mestra em Extensão Rural e Desenvolvimento Local e idealizadora da Angola Comunicação, traz o conceito de mobilizações sociais como:

A mobilização social é uma forma de construir na prática o projeto ético proposto na constituição brasileira: soberania, cidadania, dignidade da pessoa humana, valores do trabalho e da livre iniciativa e pluralismo político (...) é bastante necessária a discussão sobre mobilização social, porque significa que estamos falando de transformações possíveis. Para que isso aconteça, ter muita gente envolvida, de fato, é importante e sinaliza que as transformações estão ocorrendo. (DE ANGOLA, 2021).

Para o movimento feminista, as mobilizações sociais se tornam uma voz que antes não ouvida individualmente, agora no coletivo passa a ser um grito de esperança, assim como afirma Catarina (GOV.BR, 2021) “A ação de comunicação deve ter como objetivo maior o ecoar vozes, lutas, anseios das diversas populações, mas também de denúncia de violações de direitos [...]” dessa forma cabe destacar, que a paralisação internacional que levou milhares de mulheres às ruas em pelo menos 40 países no último 8 de Março, foi consequência da articulação em rede de diversas militantes feministas (organizadas ou não em coletivos, partidos, frentes de atuação feministas, ONGs) inspiradas nos resultados positivos da greve de mulheres na Polônia (6 , em outubro de 2016), contra ao projeto de lei que baniu o aborto no país. A greve vitoriosa greve das mulheres polonesas obrigou lojas, escritórios do governo, universidades e escolas a fecharem as portas. Também serviu de inspiração a mobilização organizada na Argentina. No mesmo outubro, mulheres paralisaram suas atividades para protestar contra a violência de gênero após o estupro e feminicídio de uma jovem de 16 anos. A solidariedade e os casos recorrentes de violência contra as mulheres, fez com que os manifestos se desdobrassem em vários cantos do mundo. (SILVA; OLIVEIRA, p.3, 2017)

As redes sociais da internet mobilizaram apoio suficiente para que as pessoas se reunissem e ocupassem o espaço público, territorializando seu protesto. Uma vez organizados os acampamentos, elas estabeleceram sua presença como ocupações específicas na internet. A maioria dos acampamentos criou seu próprio site,

organizou um grupo no Facebook ou ambos. Membros dos comitês da web criaram pontos de acesso nos acampamentos e as pessoas conectaram seus telefones a computadores para permanecer on-line. A diversidade do movimento Occupy podia ser detectada por sua existência na web, por vezes com páginas muito ricas em termos gráficos e de conteúdo.

A maioria das ocupações de grande porte ou particularmente ativas tinham seus próprios sites. Eles serviam para organizar o movimento, mas também para criar uma presença pública. A maior parte tinha as seguintes seções: Contato (para fazer contato com os membros dos comitês de relações com a imprensa etc.); como participar (uma lista de comitês, horários e locais das assembleias gerais); Suprimentos, a serem fornecidos por doação; Recursos (um conjunto de documentos explicando como fazer uma ocupação, os protocolos da assembleia geral, como lidar com a polícia); Calendário de eventos e notificações e fóruns de discussão (alguns abertos, outros protegidos por senhas). Além disso, a maioria desses sites tinha um fórum onde o visitante podia criar uma conta. Alguns fóruns de discussão podiam ser vistos por qualquer visitante, mas outros eram protegidos por senhas e abertos apenas para usuários registrados. (CASTELLS, p. 108, 2013)

2.1 AÇÕES DE ENGAJAMENTO

Neste capítulo faremos uma análise das ações de engajamento de duas, das três redes sociais do movimento, sendo elas Instagram e Facebook. Por mais que o movimento não tenha tido uma vida útil longa, foram muitas as ações iniciadas nas redes citadas acima, dessa forma deixa-se anexado a imagem do Instagram oficial @deixaelatrabalhar, para que se possa começar as análises.



Figura 1 – Perfil do Instagram do movimento deixaelatrabalhar

Fonte: Perfil deixaelatrabalhar no Instagram

A imagem trazida acima é um print screen – termo em inglês utilizado para definir captura de tela rápida – do perfil do movimento deixaelatrabalhar no Instagram, rede social usada por todas faixas etárias que inclui amplamente inúmeros assuntos. No caso desse perfil foram encontrados temas informativos voltados para os direitos das mulheres, sendo trazidas publicações sobre leis que garantem respaldo e proteção, a importância da união contra o machismo e a agressão feminina, não somente para as repórteres que sofreram e sofrem com esses atos grotescos até os dias atuais, mas sim para todas as mulheres que se sentem sozinhas e ameaçadas perante a sociedade patriarcal, implicando que, essas possam buscar ajuda por meio de uma rede social ou até mesmo fazer parte de um movimento que ajude futuramente em uma comunidade mais igualitária, garantindo os direitos que não foram oferecidos para nossas antepassadas. Foram alcançadas cerca de 7.884 contas do Instagram que seguem o perfil, porém, como o movimento foi encerrado, houve a perda progressiva dos seguidores.

Agora começaremos nossa análise com uma publicação do dia 12 de abril de 2018, feita pelo Instagram do movimento. A publicação foi feita em apoio à repórter

da Rede Globo, Patricia Falcoski, que foi vítima de machismo, onde foram levantadas várias hipóteses sobre o caso, onde foi colocado que ela era a “protegida” do chefe e até mesmo que tivesse um caso com ele.



Figura 2 – Publicação online no Instagram do perfil deixaelatrabalhar no Instagram abordando a agressão contra as jornalistas.

Fonte: Perfil deixaelatrabalhar no Instagram

Patricia Falcoski, foi introduzida na Rede Globo em 2012 e em 2015 assumiu o cargo de repórter no Jornal Nacional. Ainda que tivesse pouco tempo de formação a profissional foi convocada a realizar inúmeras entrevistas para o programa, o que causou um estranhamento entre os colegas de equipe simplesmente por ser novata. O que diferenciou Patricia dos demais jornalistas novatos não foi sua trajetória ou seu talento e sim, o seu gênero. Em 2018 a mesma foi julgada como “muito bonita” o

que deu um sentido para passar a frente dos seus concorrentes levando esses a acreditarem que a nova repórter teria um caso com seu chefe e prestaria favores sexuais para obter o reconhecimento profissional que buscava. Perante essas alegações o movimento “deixa elatrabalhar” prestou apoio na rede social Instagram diante de uma publicação online realizada para demonstrar o machismo escancarado, esse teve 823 curtidas, porém nenhum comentário.

A publicação é de total relevância, o conteúdo carrossel da publicação aborda um texto feito pelo movimento onde explica e evidencia o por que aquilo é classificado como machismo, sendo este definido pelo Dicionário Online de Português (2021) como: “Opinião ou atitudes que discriminam ou recusam a ideia de igualdade dos direitos entre homens e mulheres.” A postagem ainda segue com publicações com notas de solidariedade e apoio a Patricia, onde constam:

O que aconteceu com a nossa colega de profissão, Patricia Falcoski, é mais um exemplo do machismo que, mesmo velado, se evidencia dia após dia nas redações e nas ruas.

Chegar a um programa de repercussão nacional em uma grande cobertura é uma conquista para jornalista que, embora jovens ou com menos tempo de carreira do que rostos mais conhecidos do grande público, fizeram muito para merecer o espaço. Temos visto o jornalismo se reinventar, e casos como os de Pedro Vedova, Felipe Santana, Phelipe Siani e Patricia Falcoski se destacam. O que diferencia Patricia dos demais não é trajetória, não é talento. É gênero. Eles não foram questionados. Ela incomoda por ser mulher.

O texto assinado por Daniel Castro e Gabriel Souza é machista e Leviano, nos envergonha com jornalistas.

É relevante, inclusive, observar que entres os três excelentes nomes ali citados como opções para o lugar de Patricia, não há mulheres. Como se só houvesse veteranos homens no jornalismo da Globo.

Patricia Falcoski pagou por se destacar; por ser hoje uma jornalista completa, moderna e atuante. Em vez disso, deveria celebrar. Merece! Porque esses avanços são especialmente difíceis para quem enfrenta tanta resistência e leva tanto tempo para receber as mesmas oportunidades.

Outra publicação que vale a pena ser citada é uma postagem publicada no dia 4 de abril de 2018, sendo esta informativa e educativa, abordando e divulgando as novas leis estabelecidas naquele ano. A mesma cita a Lei nº 13.642 e a Lei

nº13641 ambas outorgadas em 03 de abril de 2018. A publicação teve 575 curtidas e mais uma vez, nenhum comentário, o que gera uma certa indignação visto que, a postagem

é de total importancia para a divulgação das leis, pois alcança mais mulheres, mostrando que elas tem sim seus direitos sendo defendidos.



Figura 3 – Publicação online no Instagram do perfil deixaelatrabalhar abordando duas Leis que garantem direitos as mulheres.

Fonte: Perfil deixaelatrabalhar no Instagram

Nessa publicação, é abordado que o movimento foi convidado pela Federação de Futebol do Piauí a entrar no estádio Albertão no primeiro jogo da final do Piauiense com a faixa da campanha, para representar as mulheres que trabalham no futebol. E lamentam que mesmo que tenham ido defender o machismo, tenham sido vítimas dele dentro do campo, com comentários do tipo: “deixa ela trabalhar lá em casa”, “nossa, como esse futebol tem coisa boa, viu!”. E

ainda, a comissão de um dos times, não queriam deixar espaço para uma das faixas do movimento.

Apesar de tudo, elas foram positivas, com a esperança que a campanha tenha conscientizado quem estava lá.



Figura 4 – Publicação online no Instagram do perfil deixaelatrabalhar

Começaremos agora a análise de publicações feitas pela página oficial do movimento no Facebook. Nesta rede social, a grande maioria das publicações possuem comentários, por conta do maior alcance de pessoas na rede. Segue abaixo: publicação divulgando o vídeo da repórter Julia Guimaraes, que fazia uma entrada ao vivo antes da partida entre Japão x Senegal quando um homem tentou beija-la, onde mais uma vez, um homem comete um ato de assédio que para ele e para muitos, é julgado como normal.



Fonte: Perfil deixaelatrabalhar no Facebook

Figura 5 – Publicação online no Instagram do perfil deixaelatrabalhar

No fim da publicação, o movimento presta seu apoio a repórter “Todo nosso apoio à nossa colega “@jujuguimaraes25” e às colegas de profissão que têm enfrentado casos de machismo e assédio na cobertura da Copa do Mundo na Rússia ou em qualquer lugar”.

O post obteve 227 compartilhamentos, 712 reações e 68 comentários, que dentre eles, várias pessoas, em sua maioria mulheres, também postam apoio à jornalista e fazem comentários repudiando tal atitude. Mas a publicação também teve comentário machista como: “engraçado que quando o repórter é homem, todo mundo acha bonito”.

Outro post que vale a pena ser analisado, é a nota de repúdio abaixo feita no dia 28 de abril de 2018, onde o movimento alega que ainda precisamos falar muito

sobre o machismo. A publicação aborda o episódio que aconteceu no programa da Rádio Gaúcha, durante o Sala de Redação em que o historiador e comentarista Eduardo Bueno, mais conhecido como Peninha, que mandou a colega de trabalho Eduarda Streb “voltar pra cozinha” depois de não concordar com uma opinião da jornalista. Um dia após supostamente pedir desculpas, usou de ironia pra falar que que mandou ela pra cozinha por considerar um “lugar sagrado” e disse que isso não passava de uma piada velha. O que não passa de um machismo estruturado que perdura pela sociedade por séculos.

Na mesma publicação, o movimento trás a tona o caso da Jornalista Sarah Borborema, ex assessora de imprensa do Vasco, foi insultada por torcedores e xingada após levar um atleta para dar entrevista e ainda ouviu do segurança do Fluminense que não deveria mais ir ao meio do campo pois ele não tinha como controlar os torcedores. Com isso, mais uma vez a desigualdade de gênero é explicita, atrapalha e deixa mulheres acuadas em exercer seu trabalho. No fim da postagem, o movimento deixa mais uma vez evidente que repudia atos machistas.

A publicação teve 228 reações, 34 compartilhamentos e 13 comentários, dentre eles pessoas criticando a atitude de Peninha e o machismo em si.

Segue abaixo a publicação:

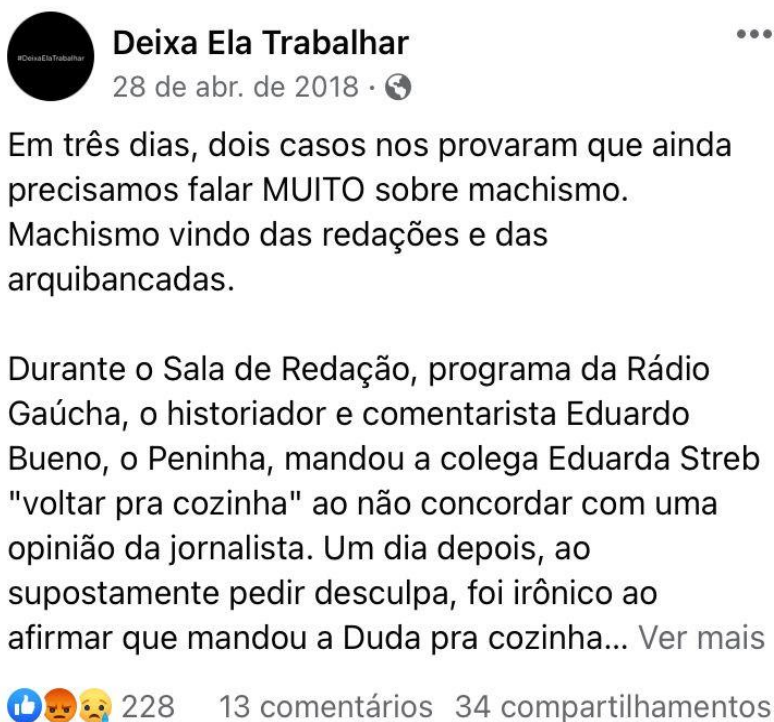


Figura 6 – Publicação online no Instagram do perfil deixaelatrabalhar

Outra publicação que vale muito a pena ser analisada é do dia 9 de abril de 2018, quando três repórteres foram vítimas de ofensas e injúrias por motivo de gênero durante a cobertura da final do campeonato Paulista, no Allianz Parque, em São Paulo. O fato ocorreu quando os repórteres estavam atrás do gol para a disputa dos pênaltis, sem a presença da Polícia Militar, dos representantes da Federação Paulista ou da Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo (Aceesp). Os torcedores palmeirenses arremessaram isqueiros, copos, lixos e até um celular para atingir os profissionais. Entre os jornalistas, haviam três mulheres, dentre elas Mariana Pereira e Jade Gimenez que foram ofendidas com insultos sexistas e gestos obscenos. A repórter Ana Thaís Matos foi menosprezada ao defender um colega de profissão de um dos seguranças, que indagou que ela não seria ouvida por ser mulher e ainda declarou “Sou machista. Só falo com homem” e continuou fazendo comentários para tentar intimidá-la.

O movimento fez um apelo para que as pessoas ajudassem a identificar os seguranças e os torcedores que apareciam nas imagens, para que as devidas providências fossem tomadas.

A publicação teve mil reações, nenhum compartilhamento e 291 comentários, dentre eles diversos comentários de repúdio a torcida do Palmeiras. E outros tentando justificar a atitude dos torcedores, alegando que isso não aconteceu por desigualdade de gênero, mais que qualquer um ali naquela situação teria passado pelo mesmo.

3.4 ANÁLISE NOTICIÁRIOS

As figuras abaixo tem como intuito demonstrar a repercussão do movimento deixando trabalhar nos noticiários. Quando iniciado o movimento teve grande reconhecimento nas plataformas digitais e jornais tais como El País, Correio e Globo Esportes. Abaixo serão iniciadas as análises.

O QUE A BAHIA QUER SABER

Correio

Assine | ☰

publicidade

Festival de Cinema de Indaiara

EcoSport Freestyle 1.5 Automática 2017/2018 (CAT. EPDS) POR R\$ 84.990 À VISTA

publicidade

Vídeo: Jornalistas protestam contra assédio e machismo no esporte

Cansadas de casos de assédio, mulheres do Brasil inteiro se uniram

Fernanda Varela
fernanda.varela@redebahia.com.br

25.03.2018, 15:13:00



3.867 curtidas

deixaelatrabalhar Um dia histórico! Noticiado por diversos veículos de comunicação do Brasil e do mundo, por atletas, jornalistas, músicos e apoiadores da luta diária contra o machismo e assédio! A [#deixaelatrabalhar](#) esteve nos assuntos mais comentados das redes sociais e foi

Figura 7 – Publicação online no Instagram do perfil *deixaelatrabalhar* evidenciando a matéria do site “Correio” sobre o início do movimento.

ge FUTEBOL

#DeixaElaTrabalhar:
jornalistas lançam manifesto
em defesa do trabalho das
mulheres no esporte

Veja vídeo do movimento que luta contra o assédio moral e sexual; vários clubes já aderiram à causa

f t w

Por GloboEsporte.com, São Paulo
25/03/2018 15h44 · Atualizado há menos de 1 minuto

📖

3.867 curtidas

deixaelatrabalhar Um dia histórico! Noticiado por diversos veículos de comunicação do Brasil e do mundo, por atletas, jornalistas, músicos e apoiadores da luta diária contra o machismo e assédio! A [#deixaelatrabalhar](#) esteve nos assuntos mais comentados das redes sociais e foi

Figura 8 – Publicação online no Instagram do perfil *deixaelatrabalhar* evidenciando a matéria do site “Globo Esporte” sobre o início do movimento.

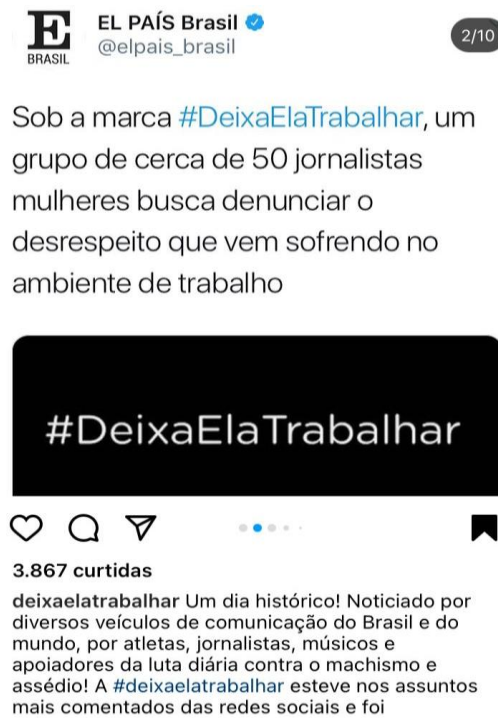


Figura 9 – Publicação online no Instagram do perfil deixaelatrabalhar evidenciando a matéria do site “EIPais” sobre o início do movimento.



Figura 10 – Fonte: Perfil deixaelatrabalhar no Instagram

Essas imagens foram tiradas da página do movimento no Instagram, onde foi feita uma publicação com fotos de vários veículos de comunicação do Brasil e do mundo que divulgaram o início da campanha. A publicação conta com uma nota, onde o movimento conta que esteve nos assuntos mais comentados das redes sociais. A publicação teve 3.866 curtidas e 129 comentários, onde os seguidores esboçam sua felicidade pelo surgimento da campanha e apoio há todas as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A igualdade entre mulheres e homens, ainda não é plenamente efetivada, mas é nítido que houve uma grande evolução. O movimento feminista ganhou grande espaço e também acompanhou as mudanças políticas no Brasil dos últimos 100 anos e ajudou a montá-las. Ao longo dos anos, as mulheres conquistaram direitos valiosos, que valem a pena ser citados, como por exemplo: direito ao voto, Lei Maria da Penha, Lei do Feminicídio e Lei Lola, que apesar de ainda serem falhas, é de enorme triunfo. É irrefutável que o caminho a ser trilhado para assolar a desigualdade de gênero é grande, devido a nossa sociedade patriarcal.

Lamentavelmente o machismo está distante de acabar. Contudo, no campo do jornalismo também é nítido que foram obtidas melhoras, temos como por exemplo a jornalista Renata Fan, apresentadora e comentarista do “Jogo Aberto” da Rede Bandeirantes, programa esportivo, considerado até hoje como um “campo masculino”. O movimento feminista é de total importância para a sociedade e principalmente para as mulheres, para que a desigualdade de gênero e o machismo cada vez crie menos força e ao longo do tempo desapareça. Em um campo otimista, se cada cidadão se conscientizasse e também ensinassem as crianças, o cenário dos próximos anos mudaria e quem sabe até o século XXII a sociedade se torne igualitária e sem desigualdade entre os gêneros.

REFERÊNCIAS

ANGOLA, Catarina. **Mobilização social e comunicação**. Gov.br, 2021. Disponível em:< <https://www.gov.br/cgu/pt-br/assuntos/controle-social/entrevistas/mobilizacao-social>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

CASTELLS, Manuels. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Zahar, 2013. 271 p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Saraiva, 2014.

HALL, Stuart. **Crise de identidade na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&P, 1985.

MOLYNEUX, Maxine. **Movimientos de mujeres en América Latina**. Un estudio teórico comparado. Madrid: Catedra: Universidad de Valencia. 2003.

SILVA, Franciele; OLIVEIRA, Bárbara. **Feminismo nas mídias sociais e nas ruas: Questões a partir de um coletivo de Aracaju/SE**. 13º Mundo de mulheres e fazendo gênero 11. Florianópolis, 2017.

TEIXEIRA, Maria De Lurdes. **Conheça Narcisa Amália, poeta e primeira jornalista brasileira**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em:< <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2020/03/narcisa-amalia.shtml>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

FIGURAS

Figura 1. São Paulo. 24 jun. 2018. Instagram: @deixaelatrabalhar. Disponível em:< <https://www.instagram.com/deixaelatrabalhar/>>. Acesso em 03 dez. 2021

Figura 2. São Paulo. 24 jun. 2018. Instagram: @deixaelatrabalhar. Disponível em:< <https://www.instagram.com/p/Bhe-DgdhvFB/>>. Acesso em 03 dez. 2021

Figura 3. São Paulo. 24 jun. 2018. Instagram: @deixaelatrabalhar. Disponível em:< <https://www.instagram.com/p/BhKWsIMhHqY/>>. Acesso em 03 dez. 2021.

Figura 4. São Paulo. 24 jun. 2018. Instagram: @deixaelatrabalhar. Disponível em:< <https://www.instagram.com/p/Bhj1nB3hjQY/>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

Figura 5. São Paulo. 24 jun. 2018. Facebook: Deixa Ela Trabalhar. Disponível em:<<https://www.facebook.com/deixaelatrabalhar/videos/423093098163269>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

Figura 6. São Paulo. Facebook: Deixa Ela Trabalhar. Disponível em:<<https://www.facebook.com/deixaelatrabalhar>>. Acesso em: 03 dez. 2021

Figura 7. São Paulo. 26 mar. 2018. Instagram: @deixaelatrabalhar. Disponível em:<https://www.instagram.com/p/BgxbfAFhJ_W/>. Acesso em: 03 dez. 2021.

Figura 8. São Paulo. 26 mar. 2018. Instagram: @deixaelatrabalhar. Disponível em:<https://www.instagram.com/p/BgxbfAFhJ_W/>. Acesso em: 03 dez. 2021.

Figura 9. São Paulo. 26 mar. 2018. Instagram: @deixaelatrabalhar. Disponível em:<https://www.instagram.com/p/BgxbfAFhJ_W/>. Acesso em: 03 dez. 2021.

